



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal El País

Madri - Espanha, 15 de setembro de 2007

Presidente: A minha viagem à Espanha se deve ao fato de fazer um debate com os empresários sobre o Programa de Aceleração do Crescimento que estamos fazendo no Brasil. Você sabe que nós decidimos fazer um investimento de 252 bilhões de dólares, até 2010, para resolver os problemas de infra-estrutura nos portos, aeroportos, rodovias e ferrovias, e também investimento para urbanização de favelas nas regiões metropolitanas das principais capitais brasileiras. Ao invés de pulverizarmos os investimentos, um pouquinho em cada favela, nós resolvemos pegar a mais degradada, a de pior situação, e fazer um grande investimento. No Rio de Janeiro, nós estamos fazendo no Complexo do Alemão e no Complexo de Manguinhos dois grandes investimentos, para urbanizar, abrir ruas, levar posto médico, levar escolas, levar área de lazer. O mesmo estamos fazendo em São Paulo, em Minas Gerais, em Recife. São praticamente 20 bilhões de dólares que vamos investir até 2010. E espero que até fevereiro, nas principais cidades, as obras comecem.

Para esse programa dar certo, nós montamos um conselho gestor, coordenado pela ministra-chefe da Casa Civil, pelo ministro da Fazenda, pelo ministro do Planejamento e pelos ministros das áreas. Ou seja, se for urbanização de favela, o Ministro das Cidades; se for na área de transportes, o ministro dos Transportes, porque se não passa o ano, você gastou o dinheiro e não vê o resultado. Nós estamos trabalhando de forma muito intensa, de forma muito coordenada. A cada quatro meses, os ministros têm que prestar contas do andamento das obras, o que está acontecendo, o que está com problemas. Criamos grupos interministeriais para resolver tudo conjuntamente, tentar



conter a demora da burocracia, criando uma interação entre o conjunto do governo. E isso significa muitas oportunidades para investimentos. É por isso que nós temos um encontro com os empresários espanhóis e também porque hoje vou almoçar com o amigo Zapatero, para colocar nossas conversas em dia.

Jornalista: Permita-me, Presidente, fazer uma pergunta pessoal, porque talvez muita gente não saiba que o senhor não se chamava Lula. Quando começaram a chamá-lo de Lula?

Presidente: Não, eu me chamava Lula, desde pequeno. Eu não tinha o nome político, porque quando fui me candidatar, em 1982, as pessoas só me conheciam por Lula, não me conheciam por Luiz Inácio. Então, eu fui ao cartório e aumentei o Lula no meu nome. Meu nome era Luiz Inácio da Silva e eu coloquei Luiz Inácio Lula da Silva, passou a ser o meu nome oficial.

Jornalista: Então, desde pequeno lhe chamavam de Lula?

Presidente: Quase todo Luiz era chamado de Lula.

Jornalista: Não era por aquele...

Presidente: Minha mãe nem sabia que tinha um fruto do mar chamado lula.

Jornalista: Desde que chegou ao governo em 2003, em janeiro de 2003, o discurso mudou? Gostaria que nos explicasse em que o seu discurso mudou, se é que mudou, e por quê.

Presidente: Veja, não se trata de mudar o discurso. Quando você governa,



você não tem mais o direito de agir como agia quando estava num palanque. Quando você é candidato, diz sempre que acha que deveria ser assim, eu penso que deveria ser assim. Agora, quando você governa, tem que fazer, não tem que achar, e você faz de acordo com as possibilidades. Você leva em conta correlações de forças na sociedade, correlações de força no Congresso Nacional e, sobretudo, o orçamento. É com ele que você trabalha para poder concretizar as coisas.

O meu governo mantém, hoje, a mais sólida relação com o desenvolvimento social que um governo já teve na história do Brasil. Só para você ter idéia, nesses quatro anos de governo, nós já fizemos 47 conferências nacionais com todos os movimentos sociais: conferência de saúde, conferência de habitação, conferência dos sem-teto, conferência dos portadores de deficiência, conferência dos direitos humanos, conferência das mulheres, conferência dos negros, conferência dos índios. Essas conferências, todas elas, envolveram a participação de 2 milhões de brasileiros que militam nos movimentos de massa, e é com essas conferências que nós extraímos parte das políticas que nós adotamos como políticas públicas do governo. Obviamente que quando você chega ao governo, você não tem as mesmas facilidades que tem quando é oposição. Então, você é obrigado a colocar em prática as coisas que são possíveis colocar em prática. Umas dependem de passar no Congresso Nacional e, às vezes, não passam com a rapidez que nós gostaríamos; outras têm implicações jurídicas; outras têm implicações financeiras. O dado concreto é que, passados quatro anos e meio, eu me sinto hoje mais confortável do que em qualquer outro momento da minha vida. Nós sofremos muito, tivemos que fazer um ajuste muito forte em 2003, e isso me causou problemas dentro do PT, teve gente que saiu do PT por conta disso, porque as pessoas queriam que nós fôssemos mais duros, que nós fizéssemos coisas mais rápido. Eu fazia as coisas como sempre fiz, no tempo correto, no momento certo, porque entendia que não era possível fazer mágica na



economia, era preciso criar condições para as coisas irem mudando. Podem dizer que poderia ser mais rápido, mas o dado concreto é que nós, hoje, estamos colhendo os frutos sólidos que nós plantamos, e plantamos com muita solidez.

Eu posso dizer em qualquer fórum, interno ou externo, que em toda a história do Brasil nós vivemos o momento mais sólido da economia, combinando algumas coisas que o Brasil não tem o hábito de combinar. Por exemplo, durante décadas, quando o Brasil decidia exportar, ele asfixiava o mercado interno; quando ele decidia fortalecer o mercado interno, ele asfixiava a exportação como se fosse antagônico. Nós estamos provando o quê? Que é possível ter uma forte política de comércio exterior e, ao mesmo tempo, uma forte política de crescimento do mercado interno. Não é incompatível, pelo contrário. Uma outra coisa que no Brasil não se fazia é que todas as vezes que a economia brasileira crescia, a inflação subia e subia fortemente. O Brasil crescia 7%, a inflação era de 25%; o Brasil crescia 10%, a inflação era de 30%. Então, o que nós adotamos? Adotamos a política de, primeiro, combinar o crescimento, que não precisa ser um crescimento de 10, 12%. O que nós queremos é que seja um crescimento sólido por muitos anos, e que permita a gente recuperar, no médio prazo de tempo, os prejuízos para a sociedade brasileira. Então, hoje nós temos crescimento das exportações, crescimento das importações, crescimento do mercado interno, crescimento da indústria, crescimento da agricultura e inflação baixa. É um ganho extraordinário para a sociedade.

Jornalista: Qual é a taxa de inflação?

Presidente: A do ano passado foi de 3.7%.

Jornalista: E o crescimento?



Presidente: O crescimento, neste ano, vai chegar a 5%.

Jornalista: No último semestre estava em 4%, 4,5%.

Presidente: Estava em 4.8%. Para mim, um crescimento de 5%, se ele for constante e se durar muitos anos, é melhor do que crescer em um ano 10%, no outro ano 1%, como se fosse um coração nervoso.

Jornalista: É evidente que o seu grande orgulho, o senhor disse várias vezes nesta entrevista, é a economia. Os indicadores externos lhe são favoráveis, sem usar a reserva. Mas o Brasil continua sendo o país da América com maior desigualdade social, logo depois da Guatemala: 10% da população possui mais de 48% da renda nacional. O que está falhando?

Presidente: Nada está falhando. Se você pegar os dados dos últimos quatro anos – e sempre será assim, a cada ano – você percebe que poucas vezes na história do Brasil nós tivemos os 10% mais ricos diminuindo a renda, enquanto os mais pobres aumentaram. É por isso que aumenta muito o consumo no Nordeste brasileiro, é por isso que aumenta mais a renda no Nordeste brasileiro, porque nós estamos recuperando, e isso não se recupera, também, de uma vez. Nós temos um estoque de desigualdade, de miseráveis, acumulado ao longo dos séculos. Só para você ter uma idéia, o Bolsa Família atende 11 milhões de famílias, 11 milhões de famílias significa 44 milhões de pessoas. E você não consegue, num curto espaço de tempo, fazer com que haja um estreitamento dessa desigualdade. Agora, o conjunto de políticas públicas que estamos fazendo, eu fico muito tranquilo porque eu sei que nós já fizemos muita coisa, e sei que falta muito para fazer. O importante é que estamos subindo degrau por degrau, vamos subir e vamos conseguir melhorar



muito.

Eu digo sempre aos meus amigos: eu fui sindicalista durante muito tempo, na época em que a economia crescia 14%, 12%, e a gente fazia greve de 30 dias, 40 dias. Quando a gente conseguia repor a inflação, já era um ganho. Hoje, mais de 80% dos acordos salariais são acima da inflação. Então, é isso que durante um longo período vai permitir que a gente possa recuperar o que perdemos também num largo período.

Jornalista: Presidente, tem três ex-ministros seus e a cúpula dirigente do Partido dos Trabalhadores, o núcleo duro, pessoas que organizaram sua campanha, a campanha que, afinal de contas, o conduziu ao poder, que foram indiciados agora. Eu gostaria de saber como o senhor pensa que eles estão se sentindo e como o senhor se sente?

Presidente: Eu me sinto muito tranquilo. Primeiro, porque nós estamos exercendo a democracia na sua plenitude. Houve uma denúncia, independentemente de eu concordar ou não com ela, houve a denúncia. Essa denúncia passou por um processo dentro do Congresso Nacional, houve um resultado, foi enviado ao Ministério Público e foi para a Suprema Corte. Até agora não tem ninguém inocentado e ninguém culpado. Até agora, começou um processo. Portanto, todos, sem distinção, terão a oportunidade de provar a sua inocência. Isso só pode acontecer porque nós trabalhamos com a convicção de que a impunidade só vai acabar quando você não fizer distinção entre amigos e inimigos, quando a lei for justa para todos, e quando as instituições, sejam policiais ou de investigação, valerem para todo mundo. Essa nossa decisão é uma decisão de alguém que pensa de forma republicana. Todos nós temos o direito de fazer as coisas quando todos nós nos responsabilizamos por aquilo que fazemos. Quem cometer o erro, pagará pelo erro, e quem cometer o erro, será julgado pela Justiça ou pelo povo. Essa é a



lógica de um país que quer se transformar numa democracia sólida. Ademais, o que me deixa satisfeito é saber que as instituições funcionam, e funcionam bem. É isso o que me interessa. É importante que todo mundo saiba que o seu país tem governo e tem instituições.

Jornalista: Mas como os seus amigos se sentem?

Presidente: Eu penso que eles se sentem chateados. Todos eles se sentem chateados, porque ninguém gosta de ser indiciado. Você precisa contratar advogado, precisa constituir a sua defesa, é sempre desagradável. Mas é assim que funciona a democracia, e é bom que seja assim, porque houve tempo, no Brasil, em que as coisas eram jogadas para debaixo do tapete. Então, a imprensa não sabia, a polícia não investigava, a Justiça não julgava, e tudo ficava como antes. Agora, não. Agora, todo mundo, do mais humilde ao mais importante brasileiro, tem que ter consciência de que na vida pública e na vida pessoal as pessoas têm que ter um comportamento correto, respeitoso. Se falharem, pagarão por isso.

Jornalista: No congresso do PT não houve uma posição sobre esse assunto?

Presidente: Não, o Partido não se pronunciou sobre esse assunto. Eu fui ao encontro do PT, fiz um discurso, prestei solidariedade aos companheiros para que eles se defendam, provem a sua inocência. Agora, eles têm o direito de provar a inocência. Se não provarem, serão condenados.

Jornalista: A taxa de homicídios no Brasil passou de 11,4 para cada 100 mil habitantes, em 1980, para 26,7 em 2000, segundo um estudo do Departamento de Estatística da Universidade de Brasília. Em 20 anos, de 1980 a 2000, evoluiu. De 2000 para cá houve alguma redução?



Presidente: Primeiro, vamos situar o crescimento da violência com o crescimento de outras coisas para a gente ter uma fotografia correta do que aconteceu. Eu não conheço o estudo da UnB mas, de 1980 para cá, é importante lembrar que foi exatamente o período em que a economia brasileira ficou estagnada. Foram 26 anos em que a economia brasileira não cresceu. Eu vou lhe dar um exemplo: até 1970 nós tínhamos duas favelas em São Paulo. Eu sei até o nome delas: tínhamos a favela da Vila Prudente e tínhamos a favela do Vergueiro. A favela do Vergueiro não existe mais e a da Vila Prudente ainda existe. Mas hoje são 2 milhões de paulistas vivendo em favelas. Na medida em que a população cresce e a economia não cresce, você não tem o que distribuir. Houve um aumento do número de pobres no Brasil vivendo em situações degradantes e, junto com isso, veio a violência. É exatamente isso que nós estamos tentando regularizar. Nós acabamos de anunciar um Programa de Segurança Pública, chamado Pronasci, que tem um viés muito forte. Primeiro de construir, junto com os governos dos estados, e nós construímos um sistema de integração entre estados e governo federal, porque hoje as polícias não conversam entre si, a Polícia Federal não conversa com a Polícia Militar, que não conversa com a Polícia Civil. É como se fosse uma caixa preta. Nós estamos construindo um sistema único de polícia, numa integração através da informática para que a polícia possa conversar. E, ao mesmo tempo, uma forte decisão de tentar trabalhar a questão dos jovens de 17 a 29 anos, que são a maioria das pessoas que estão presas, filhos da irresponsabilidade econômica do Brasil em três décadas.

Pois bem. Anunciamos, há 15 dias, um programa, até 2010, para trazer 4 milhões e 200 mil jovens, de 15 a 29 anos – jovens que desistiram da escola, jovens que não trabalham – para trazer esses jovens de volta à escola e dar a esses jovens a oportunidade de aprender uma profissão. Tudo isso está sendo feito numa parceria combinada com a questão da segurança pública. Uma



outra coisa importante que é preciso saber é que a segurança pública no Brasil é responsabilidade, teoricamente, dos governos estaduais. E o governo federal cuida da Polícia Federal. Nós precisamos aperfeiçoar o nosso sistema de controle de fronteiras para evitar o tráfico de drogas e o controle de armas. Você sabe que nós temos quase 18 mil quilômetros de fronteira seca, que não é uma coisa simples; 8 mil quilômetros de costa marítima, e isso você só combate com um forte investimento na inteligência. E é o que nós fizemos na Polícia Federal. Investimos em material humano, investimos em tecnologia, para que essa polícia se torne mais sofisticada e a gente consiga, ao invés de pegar o delinqüente lá na ponta, já tentar pegar o chefe dessa delinqüência no seu local de origem. Eu trabalho com a hipótese de uma combinação de atuação entre as polícias estaduais e federal, investimento na inteligência da polícia, melhoria das condições econômicas do País e geração de empregos, para a gente diminuir substancialmente a violência no Brasil.

Jornalista: Eu visitei algumas favelas, mas nas favelas também um dos comentários mais comuns é de que a polícia é corrupta e que a principal máfia, o principal bando de delinqüentes é formado por policiais. A polícia é o principal foco do problema. Não há uma maneira de enfrentar essa corrupção, dentro das diferentes polícias?

Presidente: Eu não diria que é o mais forte centro de corrupção. Acredito que há um pouco de exagero. O que eu acho é que tem, é por isso que a Polícia Federal tem prendido também muitos policiais. Agora, você só pode fazer e prender quando você sabe e prova. Essa é a dificuldade do governo. Eu não posso ficar achando que tem ou não tem, ou seja, é preciso provar que tem. Nós temos uma safra nova de governantes no Brasil. A maioria dos governadores tem demonstrado uma vontade excepcional de construir parcerias com o governo federal, para que a gente possa, juntos, enfrentar



esse problema.

Jornalista: Está sendo reduzido também o desmatamento da Amazônia, pelo terceiro ano consecutivo, conforme o Greenpeace. Em 2004, foram 26 mil quilômetros quadrados; em 2005, foram 18 mil; no ano passado, foram 14 mil. Esse desmatamento equivale à superfície de uma província espanhola do tamanho de Sevilha, tudo o que se queimou, aqui neste País, nos últimos 21 anos. Com isso, eu quero lhe dizer que é um problema muito sério. Mesmo que a tendência seja boa, o senhor teria um método para frear, de forma mais rápida, esse crime ambiental?

Presidente: É preciso compreender o tamanho das coisas de que estamos falando. A Amazônia tem 360 milhões de hectares, é algumas vezes maior do que a Espanha. Quando nós assumimos o governo, não tínhamos nem fiscal e nem instrumentos para fazer a fiscalização. Nós levamos quase dois anos para conseguir material humano e também material de alta tecnologia para que a gente pudesse começar a controlar corretamente a Amazônia. Agora mesmo aprovamos uma lei, fizemos uma separação entre o órgão fiscalizador, o órgão que vai tomar conta dos parques nacionais... Só de parques nacionais nós temos 22 milhões de hectares, ou seja, é algumas vezes o tamanho de alguns países europeus. Agora, não basta ter os parques, não basta ter a reserva, é preciso ter material humano para fiscalizá-los. Se você pegar o mapa do mundo, o que acontecia nos últimos mil anos, você vai constatar que o Brasil tinha apenas 9% das florestas do Planeta. Hoje, o Brasil tem 29,5%. Se você analisar que o Brasil ainda tem 69% de suas florestas virgens, você percebe que nós ainda cuidamos muito mais do que os outros pensam. Logicamente que, com o aquecimento do Planeta, aumenta a nossa responsabilidade.

Jornalista: Por que o Brasil segue sendo o quarto emissor de gás...



Presidente: Nós queremos fazer muito mais e queremos fazer essas discussões de quem são os emissores, com muita força. Eu vou participar de todos os fóruns e o meu governo participará de todos os fóruns com ONG's, com governos, com quem quiser, para a gente colocar algumas verdades na mesa. O Brasil utiliza na sua gasolina 25% de etanol, isso diminui a emissão de CO₂ mais do que os Euro 4, os caminhões novos que estão circulando na Europa, que aumentam o preço do caminhão em 15% e diminui a emissão de gases em apenas 3%. Nós estamos propondo ao mundo mudar a matriz energética, e é possível mudar. Na medida em que você planta uma árvore, você está contribuindo para um seqüestro de carbono, e depois você estará fazendo um combustível renovável, bem menos poluente. Essa é uma discussão que nós queremos fazer em todos os fóruns.

Jornalista: O senhor pode me corrigir, se eu estiver errado. Entre 75% e 85% dos novos automóveis do Brasil estão equipados com motores *flex-fuel*, que funcionam com gasolina ou com etanol. Isso está bem. Também está oferecendo biodiesel agora. A sua viagem para a Escandinávia também está relacionada com os biocombustíveis. O senhor está oferecendo etanol para a Europa e os Estados Unidos, isso implicaria que o mercado aumentasse mais terras para plantar cana. A pergunta é: de onde vamos tirar essas terras? À custa do quê? Qual seria o impacto ambiental do aumento, porque o mercado interno está bem abastecido. Se esse mercado começar a crescer, qual seria o preço? À custa do quê?

Presidente: Primeiro, esse mercado vai crescer, é inexorável. A União Européia já decidiu que, até 2020, vai introduzir 10% de biocombustíveis nos seus combustíveis fósseis. Então, a União Européia tem de 2007 a 2020, treze anos para pensar onde produzir esse biocombustível. Qual é a minha



expectativa? É que os países ricos da Europa, além de utilizarem o potencial para plantar os biocombustíveis, podem ir para o continente africano, podem ir para a América Latina. Tem dezenas de países que podem plantar, isso pode gerar riquezas para o país, pode gerar empregos. Obviamente que você não vai imaginar um país como Espanha, como Portugal, que são países de territórios pequenos, utilizando a sua área de alimentos para produzir biocombustíveis. Quem me garante que a Espanha não pode fazer parceria com outros países e plantar cana, plantar palma, plantar mamona, plantar girassol, plantar qualquer oleaginosa, gerar empregos nesses países e importar esses combustíveis?

Segundo, veja, é importante lembrar, eu não quero nem falar do Brasil, porque o Brasil tem um território muito grande. Nós temos 850 milhões de hectares de terra. Desses, 360 milhões são da Amazônia e são intocáveis, não vamos plantar biocombustível na Amazônia. Nós temos 440 milhões de hectares. Desses, em apenas 1% está sendo plantada a cana-de-açúcar, em 4% se planta soja, em 29% se cria gado, pastagem para gado. Então, imagine o potencial extraordinário que você tem para plantar biocombustível. Ademais, não é possível aceitar a idéia de que os biocombustíveis comprometam a questão da segurança alimentar. O ser humano não seria irracional de não perceber que a energia mais preciosa não é a do carro, é a da sua própria sobrevivência. Agora, o problema da fome no mundo hoje não é a falta de alimentos, é a falta de renda para comprar alimentos. Na África tem terra, na América Latina tem terra. As pessoas passam fome e não plantam biocombustível. Se plantarem biocombustível, vão ter renda para comprar alimentos, e os avanços tecnológicos têm demonstrado o quê? Que cada vez mais você está plantando mais em menos área, você está colhendo mais em menos área. Eu vou te dar um exemplo bem concreto. Hoje, por hectare, nós, no Brasil, produzimos quatro vezes e meio o que produzíamos em 1975. O frango, que há pouco tempo se matava com 90 dias, hoje se mata com 40. O



boi, que há pouco tempo levava 48 meses, hoje leva 18 meses.

Jornalista: Produz-se muito mais cana-de-açúcar do que antes, mas aumentou a superfície também.

Presidente: Hoje nós produzimos, por hectare, quatro vezes e meio mais do que se produzia em 1975, e a tendência natural dos avanços é você, cada vez produzir mais em uma área cada vez menor. A produtividade por hectare tende a aumentar muito com a tecnologia. Qualquer árvore que você plantar, vai seqüestrar carbono.

Jornalista: A condição de vida dos trabalhadores que participam da colheita da cana-de-açúcar, as condições de trabalho são muito ruins, conforme o MST já denunciou, a CNBB também.

Presidente: Alguns bispos e alguns trabalhadores sem-terra. É um trabalho muito pesado, duro, é um trabalho quase desumano. Por que as pessoas trabalham? Porque precisam trabalhar. Como se trabalhava outro dia nas minas de carvão. As minas de carvão não eram menos degradantes que o corte da cana. Esses dias eu desci numa mina de carvão em Criciúma, Santa Catarina, a 90 metros de profundidade, e fui ver uma explosão de dinamite. Eu preferiria cortar cana a vida inteira a passar uma semana trabalhando na mina. Entretanto, o trabalhador da mina permitiu que o mundo chegasse ao que chegou. O trabalho de corte de cana será dizimado em médio prazo. Por quê? Porque as empresas vão colocar máquinas e cada máquina ocupa o lugar de 80 homens. Isso vai acontecer. Em alguns lugares de São Paulo já não tem mais essa coleta manual, está tudo mecanizado. É outro problema que vai se apresentar para nós. São pessoas pobres, que vieram de outros estados para trabalhar no corte de cana que não tem profissão. Nós fizemos uma reunião, há



uns 15 dias, com os trabalhadores, fizemos uma reunião com os empresários para discutir, primeiro, como humanizar, ao máximo possível, o trabalho no campo. Segundo, como formar profissionalmente esses homens para que eles possam, ao deixar a cana, ter uma chance de trabalhar em outro lugar. E por que vêm? Porque nós vamos criar, também, uma certificação. Nós queremos que os empresários se comprometam não apenas a vender álcool para o exterior ou vender álcool para o Brasil, mas também ter como resultado desse ganho de dinheiro a melhoria da vida dos trabalhadores. Isso, já temos consciência, os empresários já têm consciência, e eu tenho dito aos empresários: acabou o tempo em que os senhores de engenho podiam tratar as pessoas como se tratava no século passado. Agora o etanol vai virar *commodity*, vai ter uma relação internacional muito forte e cada vez mais vocês vão ser mais exigidos. Então, o que eu quero de vocês é que vocês virem empresários e que tratem os trabalhadores com o respeito que os trabalhadores já conquistaram em outros setores.

Agora, o que não podemos aceitar é que as empresas de petróleo, e eu sei que elas não querem o álcool, a começar pela minha, ou seja, a Petrobras, durante décadas, ela teve problemas com relação ao etanol. A Repsol eu sei que tem. Os países que têm muito petróleo, claro que não têm interesse nisso. Mas eu acho isso uma discussão inócua, porque o petróleo não vai parar, não vai perder importância. O que nós precisamos é misturar outros combustíveis que possam diminuir a quantidade de emissão de gases que hoje o petróleo emite. É isso que nós queremos e é isso que a União Européia decidiu.

Agora, é importante ter em conta que nesse processo todo os países ricos não podem exigir que os países pobres que não se desenvolveram no século passado paguem a conta. Ou seja, os países ricos precisam começar a discutir uma mudança no padrão de consumo e no padrão de desenvolvimento. Essa é uma questão delicada, mas vai ter que ser enfrentada, porque se for verdade tudo o que estamos ouvindo e vendo até agora sobre o aquecimento



do Planeta, não sobram reis, nem súditos, muito menos empresário americano e empresário brasileiro. Então, é um problema que envolve a humanidade e está na hora de todos assumirmos a nossa responsabilidade. Os países mais desenvolvidos precisam pagar um pouco mais.

Jornalista: Gostaria de abordar dois temas. No ano passado, o Brasil destinou, no orçamento militar, mil milhões de euros, 10 bilhões de euros. Despesa com soldo também. Muito mais do que os 2 mil e 500 da Argentina e 2 mil e 400 do México. E parece que a despesa militar vai aumentar em 50%. Isso está relacionado, de certa forma, com o aumento das despesas militares da Venezuela? Com os 9 submarinos comprados e aviões gastou-se 3 bilhões de euros, praticamente.

Presidente: Vamos separar o seguinte. O orçamento militar brasileiro é pequeno. Nós temos um orçamento grande porque tem a folha de pagamento da ativa e dos inativos. Só para você ter idéia, hoje no Brasil a folha de pagamento dos inativos é mais que o dobro da folha dos militares da ativa. Esse é um problema que nós temos, e temos que continuar pagando, porque é lei. Agora, o que nós estamos fazendo? Nós estamos elaborando um plano para cuidar da defesa brasileira. Durante 20 anos, as Forças Armadas foram... os equipamentos envelheceram. O Brasil, na década de 70, tinha empresas modernas, que produziam tanques, um monte de armas para as Forças Armadas. Isso foi desmontado e nós queremos recuperar. Nesse instante, o ministro da Defesa está com o grupo de trabalho para oferecer, dentro de um ano, um programa de reestruturação dos materiais de defesa das Forças Armadas brasileiras. Nós precisamos voltar a ter as nossas indústrias. É importante lembrar que foi a Aeronáutica brasileira que criou o ITA que, por conseguinte, criou a Embraer, que é uma das empresas mais competitivas do mundo na produção de aviões. Nós tivemos fábrica para produzir tanques e



tudo isso acabou.

Jornalista: Como isso acabou?

Presidente: Com irresponsabilidade. E eu acho que o Brasil tem que voltar a ter tudo isso. Para a gente poder voltar a construir as nossas fábricas de produção de material da nossa defesa, nós precisamos comprar. Quem vai fazer propaganda para a Espanha comprar alguma coisa do Brasil são os militares brasileiros com os materiais que nós produzimos. Mas não tem nada a ver com outro país...

Jornalista: Nas entrevistas, sempre lhe perguntam pelo Chávez...

Presidente: Eu vou encontrar com o Chávez.

Jornalista: No Mercosul?

Presidente: Deixe-me falar uma coisa.

Jornalista: Vai convencê-lo a comprar o etanol?

Presidente: Ele será um grande comprador de etanol do Brasil. Eu tenho um profundo respeito pelo Chávez. A Venezuela tem sido uma parceira. Na verdade, a gente trabalha muito em parceria, temos projetos comuns. O problema dos discursos é um problema do Chávez. E a briga do Chávez com os Estados Unidos é um problema do Chávez e dos Estados Unidos. O objetivo do Brasil é construir uma sólida integração na América do Sul, e os problemas que se apresentarem, nós vamos ter que solucioná-los. Nós somos um continente com uma democracia incipiente. Nós temos problemas sociais muito



sérios no País, mas é importante lembrar que a União Européia levou 50 anos para chegar até aqui. Nós também temos o direito de chegar, construir a nossa democracia, talvez com mais dificuldades. E em 2010 já vai ser eleito o primeiro Parlamento do Mercosul pelo voto direto, o que será uma coisa muito importante para nós. O Brasil joga um papel importante no Mercosul, o Brasil não quer liderar nada. O que o Brasil deseja é construir uma parceria sólida com os países do Mercosul e da América Latina, sabendo que por ser a economia mais forte, a nós cabe o direito de fazer mais concessões. Se não fossem a Alemanha e a França, certamente a integração da União Européia seria mais difícil.

Jornalista: Em 2010 termina o seu mandato. Eu penso que o senhor quer chegar forte, preocupado com o seu país, e ter força suficiente para fazer o seu sucessor. O senhor vai me dar, de uma forma exclusiva, o nome do sucessor?

Presidente: Ainda não tem sucessor.

Jornalista: Gostaria de saber se o senhor pretende voltar depois.

Presidente: Olha, primeiro, eu quero trabalhar para que, em 2010, quem for candidato ou candidata a presidente da República possa me convidar para ir ao palanque, porque normalmente os presidentes, quando estão mal junto à opinião pública, não têm o seu nome nem citado, nem comunicam a ele quando vai ter um comício. Então, eu quero chegar com muita força nas eleições de 2010, quero contribuir para fazer o meu sucessor, e depois que eu deixar a Presidência da República, você vai perceber que eu jamais farei qualquer comentário sobre o governo.

Jornalista: O senhor vai se aposentar da política?



Presidente: Eu não saio da política porque a política está na minha vida há muitos anos, mas eu estou dizendo que, como ex-presidente da República, eu não quero fazer comentários sobre o que esteve governando. É da responsabilidade de quem foi eleito governar o País. O que vai acontecer depois, falta muito tempo. Eu acho que é ilusão – e eu não trabalho com ilusão – você ficar pensando “eu volto daqui a 10 anos, eu voltarei cinco anos depois”. Se eu estiver vivo, em 2014, já vou dar graças a Deus. O resto, vamos ver o que ocorre. Se um dia você for eleito presidente, você vai perceber que quem tem poder não é o presidente, é o chefe do protocolo e o chefe da segurança.